

“O CARA VIROU UM PARASITA”: ANALISANDO A FALA DO MINISTRO PAULO GUEDES A RESPEITO DO FUNCIONÁRIO PÚBLICO

Fernando Moreno da Silva¹
Jorge Sobral da Silva Maia²

RESUMO

Recentemente, o Ministro da Economia, Paulo Guedes, ao defender a reforma administrativa, criticou o funcionalismo público, comparando os servidores com parasitas. Essa metáfora provocou muita polêmica. Por que uma palavra pode produzir diferentes efeitos de sentido? Para responder a essa questão, analisando a fala do ministro, este artigo objetiva entender como se dá a construção de sentidos. Por meio do método dialético de análise, a discussão foi fundamentada na Análise de Discurso de linha francesa e nos estudos cognitivos. A análise demonstrou que os efeitos de sentido são produzidos na relação entre o linguístico, o extralinguístico e o cognitivo.

Palavras-chave: análise de discurso, linguística cognitiva, sentido, Paulo Guedes.

Introdução

Recentemente, o Ministro da Economia do governo Bolsonaro, Paulo Guedes, ao defender a reforma administrativa do Estado para resolver a crise financeira dos gastos públicos, criticou o funcionalismo público, comparando a relação entre governo e servidores com a relação entre hospedeiro e parasita:

¹ Pós-doutorado em Linguística pela UNESP/FCLAr (2012) e pela UFRGS (2020). Professor do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Líder do GruPEL. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9273-9667>. E-mail: moreno@uenp.edu.br.

² Pós-doutorado pela UNESP/Botucatu-SP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciências da UNESP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4066-738X>. E-mail: sobralmaia@uenp.edu.br.

O funcionalismo teve aumento de 50% acima da inflação. Tem estabilidade de emprego, tem aposentadoria generosa, tem tudo. O hospedeiro está morrendo, e o cara [funcionário público] virou um parasita. O dinheiro não chega ao povo, e ele quer aumento automático. Não dá mais³

Obviamente que, ao chamar o funcionário público de “parasita”, o ministro provocou uma polêmica entre opiniões contrárias: de um lado, os apoiadores do governo que defendem uma economia neoliberal, rechaçando tudo que é público; de outro, toda a classe de servidores e aqueles que defendem o bem público.

Por que uma palavra consegue provocar tanta polêmica? Como se dá a produção de efeitos de sentido pela escolha lexical? Para entender esses efeitos pela palavra é preciso entender primeiro como se constrói o sentido. Nessa tarefa, resgatamos o problema fundamental da percepção apontado por Gibson (1950): como o sentido se constrói? Klinkenberg (2010, p.189, tradução nossa) faz a mesma pergunta: “qual o vínculo misterioso que se estabelece entre um sentido que parece não ter fundamento físico e os estímulos físicos provenientes do mundo exterior, estímulos que, como tais, não parecem ser revestidos de sentido?”. Buscando responder essas questões, objetivamos, por meio do método dialético de análise, entender como se dá a construção do sentido a partir da relação entre a língua, o contexto e a percepção.

A fim de esclarecer esse processo de construção do sentido pela palavra, vamos estruturar este artigo em duas partes. Primeiro, apresentaremos a maneira pela qual o sentido pode ser descrito. Para isso, discorreremos sobre a descrição do sentido na Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD francesa) e nos estudos cognitivos para mostrar que o sentido nasce na relação entre o linguístico (manifestação da linguagem), o extralinguístico (contexto sócio-histórico-cultural) e o cognitivo (percepção). Em seguida, analisaremos a fala do ministro Paulo Guedes para refletirmos sobre os efeitos de sentido provocados pelo emprego do termo “parasita”.

A descrição do sentido na AD francesa e nos estudos cognitivos

³ Fala do Ministro da Economia, Paulo Guedes, durante seminário promovido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) no Rio de Janeiro em fevereiro de 2020. Trecho foi retirado da reportagem de Barbosa (2020).

Para explicar a construção de sentido nos textos – concebendo aqui texto como tudo o que carrega significado, podendo ser verbal, não verbal ou sincrético, como palavra, quadro, filme, som, etc. –, a AD francesa, fundada a partir das reflexões de Michel Pêcheux (1990a, 1990b, 2009), discutindo a relação entre língua, sujeito e história, parte do pressuposto de que em toda manifestação de linguagem há diferentes sentidos conforme as condições de produção. Defende, pois, que o sentido nasce da relação entre o linguístico e o extralinguístico, considerando aspectos linguísticos, históricos e ideológicos.

Esse embasamento teórico é fruto do cruzamento de três áreas: Linguística, Marxismo e Psicanálise. Da Psicanálise, a partir da leitura de Freud por Lacan, herdou o conceito de sujeito dividido pelo inconsciente, com o qual construiu a ideia de sujeito assujeitado, ou seja, ao produzir um discurso, o sujeito é determinado pela estrutura da língua e pela história, constituindo um sujeito estrutura pela linguagem. Do materialismo histórico de Marx – a partir da concepção de que é o homem quem constrói a consciência, contrariando a dialética de Hegel, para quem a consciência constrói o homem, pois, como afirma Marx (1982, p. 25), “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” –, o papel da história e da ideologia. Finalmente da Linguística de Saussure, porque a materialidade da linguagem é o ponto de partida para chegar ao contexto sócio-histórico, analisando por meio da memória, das ideologias e das condições de produção (o contexto imediato da enunciação e o conjunto de fatores econômicos, sociais, culturais, etc.) a produção dos efeitos de sentido no discurso.

Para a AD francesa, o sentido é concebido como um efeito, pois, como defendeu Pêcheux (2009, p. 190), o sentido não existe em si mesmo, vai além das acepções de dicionário, sendo determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras são produzidas. Dos termos comumente empregados – posição de sujeito, memória discursiva, interdiscurso, condições de produção, dentre outros –, dois se destacam: ideologia e discurso.

O discurso é entendido no senso comum como uma fala eloquente ou um pronunciamento. Mas, como ressalta Fernandes (2005, p. 20), discurso “não é língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência

material.”. É antes um efeito de sentido da relação entre língua e mundo, envolvendo aspectos sociais e ideológicos. Seguem abaixo dois textos para exemplificar o conceito:

O ser humano nunca está contente com o que é, sempre almeja ser como é o outro. Sempre aspira a ser mais. No entanto, se está no ápice, julga que a posição lhe pesa e deseja ser menos.

CÍRCULO VICIOSO (Machado de Assis)

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
“Quem me dera, que fosse aquela loura estrela,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

“Pudesse eu copiar o transparente lume,
Que, da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!”
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

“Mísera! Tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda luz resume!”
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

“Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfada-me esta azul e desmedida umbela...
Por que não nasci eu um simples vagalume?”

Esses dois fragmentos – um soneto de Machado de Assis e uma pequena reflexão em prosa, ambos apresentados por Fiorin (2009, p. 89-90) para exemplificar textos que expressam o mesmo assunto de formas diferentes – apresentam em comum a “insatisfação”, que se caracteriza como o discurso desses textos. O discurso, portanto, é a semântica fundamental e abstrata que sustenta um ou vários textos.

Outro termo muito empregado nos estudos da AD francesa é ideologia, concebido como uma visão de mundo predominante numa determinada classe dentro da sociedade para representar uma ordem social. Como há várias classes, há também várias ideologias em confronto na sociedade.

Ainda é possível avançar na conceituação da ideologia como forma de produzir hegemonia de uma classe sobre outra, especificamente entre a classe dominante, representada pelo ministro anteriormente citado, cuja representatividade é sentida na fala

problematizada, e a classe dominada ou a classe trabalhadora, que envolve tanto os profissionais do setor privado quanto do funcionalismo público.

Hegemonia pode ser compreendida como a descrita em Gramsci (2013, 2012), que a entende em um amplo espectro de significados, passando pela economia, religião, linguística, psicologia, antropologia, entre outros campos do saber. Em seu sentido político, o autor relaciona a hegemonia à capacidade de intelectuais ligados a certos grupos sociais de produzirem ideias generalizantes que traduzem uma visão que é própria de classe em um ponto de vista de todos, dissimulando o singular no universal. A hegemonia, portanto, é a afirmação e reafirmação do poder político de uma classe sobre outra em âmbito nacional (FROSINI, 2017).

As ideias generalizantes podem estar diretamente associadas às ideologias, como consciência alterada ou percepção invertida da realidade concreta como apresentada por Marx e Engels (2007). Essa percepção invertida, ao ser disseminada por indivíduos em altos cargos políticos e com influência sobre a economia, induz a formas equivocadas de pensar com o intuito de convencer a grande massa da verdade desses dizeres, perpetuando equívocos em favor de grupos específicos.

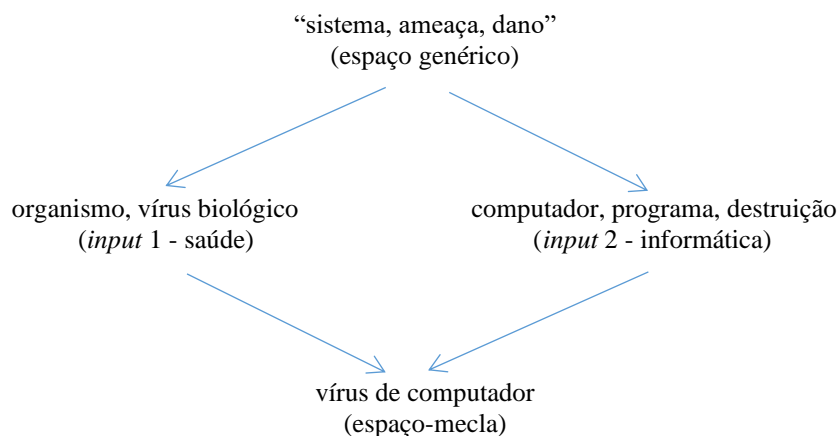
A ideologia se manifesta no discurso, que, por sua vez, se manifesta na linguagem. Assim, figurando entre a Linguística e as Ciências Sociais, a AD descreve o sentido articulando o texto com o contexto sócio-histórico que o produziu.

Por fim, nos estudos cognitivos, em especial a linguística cognitiva (LC), o significado surge a partir da relação entre linguagem e operações cognitivas. Segundo Ferrari (2011, p. 15), “a LC concebe o significado como construção mental (...), a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças sociais.”. Para a LC as palavras não contêm significados, mas orientam a construção de sentido ao ativar algum significado armazenado em nossa percepção. Com essa concepção, as fronteiras entre semântica e pragmática são eliminadas. Dentre suas contribuições nessa tarefa de descrição do sentido está a teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1994). Os espaços mentais são representações em nossa mente que permitem o fracionamento da informação. A partir desses espaços ocorre a integração conceptual⁴, uma operação mental responsável pela produção de novos sentidos por meio da qual se estabelece a projeção entre dois espaços iniciais (*input 1 e input 2*), permitida pelo “espaço genérico”

⁴ Também denominada “mesclagem” ou “blending”.

(estrutura abstrata que os espaços iniciais têm em comum), para criar um quarto espaço emergente (espaço-mescla). Para o termo “vírus de computador”, por exemplo, há a seguinte mesclagem:

Figura 1: integração conceptual ilustrada pela teoria dos espaços mentais



Fonte: Ferrari (2011, p. 122-3)

Portanto, para a LC, ao defender que a relação entre língua e mundo é mediada pela cognição, o significado não é reflexo direto do mundo, mas uma construção cognitiva.

Pautando-se nos princípios cognitivos, o “esquema da semiose da percepção” (SILVA, 2015, p. 488) esboça a arquitetura da construção do sentido como um conteúdo sincrético resultante das instâncias exteroceptiva (enunciados/linguagens), proprioceptiva (sensação biológica, com o corpo na apreensão do sentido) e interoceptiva (representação mental ou *frame*⁵):

Quadro 3: Esquema da semiose da percepção

⁵O linguista norte-americano Charles Fillmore (1929-2014) se apropria do termo “frame” para construir a Semântica de Frames, uma teoria de caráter cognitivo para descrever o significado das palavras. Para Ferrari (2011, p. 50), “o termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência.” Para Abreu (2010, p. 37), “um *frame* é, portanto, o domínio semântico vinculado a uma palavra, formado tanto por um conjunto de elementos prototípicos (...) como também por outros elementos vinculados à imaginação.” À palavra “Natal”, por exemplo, associamos: nascimento de Cristo, reis magos, encenação, papai noel, presentes, compras, festas... O conjunto de tudo isso forma um ‘frame’.

PE					PC = percepção	
Texto (exteroceptivo)		Sensação (proprioceptivo)		Representação mental (interoceptivo)		
PE	PC	PE	PC	PE	PC	

Fonte: Silva (p. 2015, p. 488)

Inspirado no conceito hjelmsleviano (HJELMSLEV, 1975, p.121) de “semiótica conotativa”, o esquema da semiose da percepção mostra que a percepção (o sentido) é uma instância complexa fruto do sincretismo entre linguagem, sensação e representação mental.

O Plano de expressão (PE) é apreendido pelos nossos sentidos (olfato, paladar, visão, audição, tato). O plano de conteúdo (PC), pela cognição. Assim, PE está ligado à sensação; PC, à percepção⁶. Em linhas gerais, a sensação se refere aos cinco sentidos (tato, visão, audição, paladar e olfato), enquanto a percepção é a síntese promovida pela atividade mental. A percepção é, portanto, uma atualização ou reconstrução de sentido. Se a percepção é percepção da percepção, são nossas experiências sensoriais que alimentam e modificam (atualizam) nossas representações mentais. Daí a razão pela qual os processos de significação demandam uma abordagem integrada entre linguagem, cognição e cultura.

A princípio, discorrer sobre AD francesa e linguística cognitiva é algo desconexo, pois essas disciplinas decorrem de origens e autores diversos. Mas essa passagem por alguns olhares linguísticos a respeito da construção do sentido revela que o sentido não está na materialidade do enunciado, como algo pronto, mas nasce na relação entre o linguístico (manifestação da linguagem), o extralinguístico (contexto sócio-histórico) e o cognitivo (imagens construídas pela percepção), resultando numa síntese perceptiva.

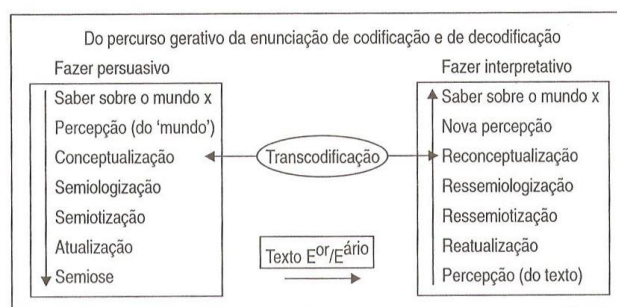
Voltando ao “parasita”

⁶ A sensação “[...] refere-se ao processo inicial de detecção e codificação da energia ambiental [...], tais como ‘duro’, ‘quente’, ‘ruidoso’ e ‘vermelho’, geralmente produzidos por estímulos simples, fisicamente isolados.” (SCHIFFMAN, 2005, p.2). Já a percepção “[...] envolve organização, interpretação e atribuição de sentido àquilo que os órgãos sensoriais processam inicialmente [...], é o resultado da organização e da integração de sensações que levam a uma consciência dos objetos e dos eventos ambientais.” (SCHIFFMAN, 2005, p.2).

Depois do passeio pela forma como algumas disciplinas linguísticas descrevem o sentido, é possível voltar à fala do ministro Guedes para pensar na produção de efeitos de sentido a partir da escolha lexical.

O detalhe a ser pontuado é a metáfora “parasita” relacionada ao funcionário público. Essa manifestação metafórica, antes de mais nada, confirma a assunção dos estudos cognitivos: o homem pensa por imagem! A percepção é uma síntese da sensação sincrética apreendida por nossos sentidos. Como a visão é o sentido mais explorado na mediação com o mundo, naturalmente esse predomínio influencia a maneira imagética de pensar, manifestada na linguagem por meio de várias figuras, como metáforas, metonímias, hipérboles... Aqui cabe ressaltar que, apesar da tese do inatismo da linguagem, inata é apenas a predisposição enquanto ser biológico – a exemplo da misteriosa figura de Kaspar Hauser, retratada iconicamente no filme alemão “O enigma de Kaspar Hauser”, de Werner Herzog –, pois, uma vez metido no convívio, o homem encarna a natureza social, tornando-se um ser bipartido, vivendo na encruzilhada dos desejos instintivos e sociais, instâncias saciáveis apenas àqueles que alcançam uma “terceira” natureza, a humana (as aspas se justificam porque esta natureza humana vive imbricada na social. Eis a razão pela qual há de surgir a dúvida: uma terceira natureza definitivamente ou uma segunda natureza, a social, empobrecida do caráter humano?). Portanto, os sentidos, ou as percepções, não são inatos; são, como se esforçou para demonstrar o materialismo histórico e dialético, sociais. A linguagem (aqui pensada como tudo o que carrega significado, seja verbal, seja não verbal) é a ponte que interliga o mundo exterior ao mundo cognitivo, e este àquele, como figurativizou Pais (2000, p. 28) no esquema dos percursos gerativos da codificação e da decodificação, rumo, respectivamente, à semiose e à nova percepção.

Quadro 4: Percurso gerativo da enunciação enunciadador-enunciário



Fonte: Pais (2000, p. 28)

Ora, se a linguagem é o canal entre o exterior (instância exteroceptiva) e o interior (instância interoceptiva), há muitas marcas nela que são reveladoras, tanto do social quanto do perceptivo, pois, como afirmou Ferrari (2011, p. 14), “as palavras não contêm significados, mas orientam a construção de sentido”.

Pensando nessa ponta do *iceberg* da palavra “parasita”, pode-se partir do sentido estabilizado pelo dicionário. Houaiss (2009, s.v. *parasita*) apresenta essencialmente duas acepções para o termo. Biologicamente, numa acepção denotativa, é o organismo que vive de e em outro organismo. Numa segunda acepção, de caráter pejorativo, trata-se daquele que vive à custa alheia por pura exploração ou preguiça.

Dado esse contorno sedimentado pelo registro lexicográfico, outros efeitos transcendem. Em primeiro lugar, a escolha da qual fez uso o ministro Guedes revela uma posição ideológica reacionária, conservadora e liberal que despreza o público, o comunal. Pela sua fala o ódio de extermínio aflora para acabar com esse “organismo sugador”. Mas nesse já-dito dominador manifestado na sua metáfora há o compreensível e o contraditório.

A fala do ministro é compreensível e coerente porque denota a obviedade da dominância oligárquica. Uma elite revestida da pretensão da exclusividade, dos privilégios, das riquezas. Nela só pode habitar uma minoria. Qualquer que se atreve a uma tentativa de escalada, deve ser empurrado para baixo. O paizão (governo, dividido nas instâncias da União, dos estados e dos municípios) não pode sustentar os filhos para sempre! Todos devem “se virar”, como o liberalismo apregoa. Qualquer ação de caráter social que beneficie a população é puro “comunismo”, denominado pelo ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, de “comunavírus”⁷. Portanto, nada de estranho ou disparatado na fala do ministro, porque ela representa a visão elitista de uma minoria que quer dominar o poder à custa da maioria.

É nessa relação entre servido e servidor que desnuda o contraditório (ser e não ser) no discurso arrogante do ministro. Os ocupantes desse olimpo do poder são fortes, mas o são porquanto da maioria explorada. É e não é, porque a força da minoria dominadora se enfraquece quando a força da maioria dominada se fortalece. A greve dos caminhoneiros e a quarentena imposta pela pandemia do novo coronavírus comprovaram isso. Quando a massa da periferia deixou de descer os morros ao centro da cidade, quando

⁷ Noticiado por Soares (2020).

a classe trabalhadora parou, o Brasil sofreu um blecaute. Quem tem o poder? Em termos mais precisos (empregando o condicional), quem “deveria” ter o poder? Essa pane revela o quanto é necroeconômico o sistema político-econômico do Brasil, demonstrando claramente que a estrutura social brasileira é perversa e dominada por uma minoria à custa da maioria. A força da elite se sustenta na fraqueza da consciência da classe trabalhadora (privada ou pública). Para que esse sistema criminoso se mantenha, para que a massa continue dominada, a elite é hábil em três pontos nevrálgicos: mídia, educação e política.

Vale-se de uma mídia vendida que, em vez de retratar a realidade, constrói a realidade que lhe convém, incutindo na cabeça do povo uma ideologia condicionada, sobretudo pela publicidade, que – muita sincera, declarando abertamente pela máxima de que a propaganda é a alma do negócio, mostra seu papel fundamental no mercado para endividar as famílias – impõe uma necessidade desnecessária do consumo.

Vale-se da educação, ou melhor, da falta de educação, sucateando, mesmo com o legado do “energúmeno”⁸ Paulo Freire, o sistema público de ensino para fortalecer a ignorância das pessoas não conscientes da realidade e de seus direitos.

Por fim, vale-se da política por meio da bandeira falaciosa da democracia (na ironia do próprio sentido etimológico da palavra, ou seja, poder do povo⁹), legitimando pela farsa das urnas os fantoches estrategicamente empossados para posar na vitrine e servir como *office boy* dos baronatos. A astúcia é tão primorosa que, para o teatro ser encenado com requinte, a pluralidade é ensaiada no centro do palco, com a permissão de vozes detratoras que não oferecem perigo algum, incluindo a crítica rebuscada da esquerda. De quando em quando, para enrustir a brincadeira de seriedade, louvando a podridão da política partidária, os atores bradam: “a democracia está salva”, “nada abala nossa democracia!”, “o poder emana do povo”. E assim caminha a humanidade, com passos de estratégia e sem nenhuma vontade de se despedir de um tal de *status quo*¹⁰.

Com esses três mecanismos altamente eficientes, a sociedade se mantém desigual perpetuando a subalternação da massa, com o poder nas mãos de um punhado graças à ignorância da multidão facilmente conduzida, que desconhece sua importância na produção e no desenvolvimento do país. Como afirmou Edgar Morin em entrevista ao *Le*

⁸ O presidente Jair Bolsonaro chamou Paulo Freire de “energúmeno”.

⁹ Democracia: *demo-* (povo) + *-cracia* (poder)

¹⁰ Trecho baseado na música de Lulu Santos: “Assim caminha a humanidade / com passos de formiga / e sem vontade.”

Monde, referindo-se especificamente à pandemia da Covid-19, “essa crise nos leva a questionar nosso modo de vida, nossas reais necessidades mascaradas nas alienações da vida cotidiana.”¹¹ Já que se falou de metáfora, essa sociedade forjada equivale a uma pirâmide: no topo, a elite minoritária mandante; na base, a maioria explorada; no centro, uma classe esmagada, estando hipnotizada pelo engodo do capitalismo para alcançar a “felicidade” do conforto e assustada com a possibilidade de descer degraus. É o nítido processo de alienação das massas, processo esse que permite a manipulação dos indivíduos na suposta liberdade do modo como se produz a vida no mundo do capital, indivíduos que marcham cegamente, subservientes e crédulos que estão seguindo sua própria vontade reificando-se voluntariamente: “aceitação ‘livremente escolhida’ de uma nova servidão, ou ainda a transformação do ser humano em coisas.” (MESZÁROS, 2006, p. 39, destaque dos autores).

Tomando consciência dessa estrutura social, é custoso conceber o funcionário público como parasita quando o é o seu senhor a quem ele serve. O funcionário é, antes, literalmente um “servidor”. Serve tão completamente que chega a servir deveras de nome sua função: “servidor público”¹².

A estrutura social *per se* bastaria para contradizer a metáfora do parasita. Mas, pasmem, há mais a dizerem em prol da contradição! Afinal, estando num cargo público, como ministro de um país, a metáfora por ele usada, num efeito *boomerang*, se volta a ele próprio, também um servidor, não público, mas privado; não servindo a sociedade, mas o mercado financeiro. Serve, como membro de um poder visível (legitimado quadrienalmente nas urnas pelo povo), o poder invisível da ditadura empresarial que, financiando campanhas e mantendo posições representantes (mandatos), detém por trás dos poderes legalmente constituídos – Executivo, Legislativo, Judiciário e, como alguns preferem falar de um quarto poder, Ministério Público – o verdadeiro poder ilegal de ditar os rumos do país.

Mas não é só isso. Os assombros não terminaram! A contradição é persistente! Nada mais parasitário que a vida pregressa de Paulo Guedes. Como escreveu Jânio de Freitas (2020), ele “é, em pessoa, um exemplar notável de parasitismo” por fazer fortuna

¹¹ Noticiado por Truong (2020)

¹² Trecho baseado no poema *Autopsicografia*, de Fernando Pessoa: “O poeta é um fingidor / finge tão completamente / que chega a fingir que é dor / a dor que deveras sente.”

operando com e para fundos de pensão de servidores. Sem se esquecer, é claro, que os militares também são funcionários públicos!

Falta a Guedes a natureza humana. E daí?

Ele é um servidor dos interesses privados. E daí?

Ele enriqueceu com fundos de pensão do funcionalismo público. E daí?

A elite abastada vive à custa da maioria. E daí?¹³

Depois de se apropriar da metáfora, passando do empírico ao concreto por reflexões, considerando as condições sócio-históricas-culturais, é possível entendê-la como uma reprodução em miniatura da lógica farsante e oligárquica da estrutura social construída e mantida historicamente como uma dinastia. Cáspite! Que parasita!

Considerações finais

Por trás de todo ato de comunicação existe algo a mais do que simplesmente transmitir uma mensagem. Como destacou Fernandes (2005, p. 21), “as escolhas lexicais e seu uso revelam a presença de ideologias que se opõem...”. Mesmo quando a linguagem busca ser puramente referencial ou objetivo, ela carrega consigo um aspecto intencional, seja um desejo de impressionar o destinatário, seja um desejo de marcar uma posição. Isso confirma um princípio da linguística cognitiva e da AD francesa, segundo o qual as palavras não são coladas aos sentidos, mas os recebem da formação discursiva na qual são produzidas (PÊCHEUX, 2009, p. 146).

A polêmica provocada pela fala do ministro Paulo Guedes, ao chamar o funcionário público de “parasita”, revela – no embate ideológico entre conservadores e progressistas – uma sociedade *sui generis*, moldada historicamente na convivência da aristocracia com a escravidão, particularmente a partir do período em que a corte viveu na colônia, marcando profundamente a postura de um país, que revive, por essa herança histórica, o conflito constante entre uma sociedade aristocrática (de caráter vertical e anti-igualitária) e uma sociedade democrática (horizontal e igualitária), traduzido numa máxima maquiavélica: “aos amigos os favores, aos inimigos a lei”.

¹³ Diante do número crescente de mortos por Covid-19, Bolsonaro responde: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”. A resposta gerou uma onda de críticas, entre elas a de Torero (2020): “O Alexandre Ramagem é amigo dos meus filhos, sim. E daí? O Flávio fez rachadinha e investiu em prédios da milícia. E daí? O Carlos espalhou fake news. E daí? Eu quis nomear o Eduardo como embaixador, mesmo ele não sabendo nada de diplomacia. E daí? [...] O Weintraub não sabe escrever direito. E daí? O Olavo de Carvalho acha que a Terra é plana. E daí?...”

Ainda é preciso considerar que para os ultraneoliberais, como o ministro, o que é relevante na sociedade é o “pool” de empresas capitalistas controladas pelo mercado financeiro, tendo o Estado a função de garantir a propriedade privada, com respaldo jurídico e com contratos que mantêm o vínculo de submissão da classe trabalhadora aos desmandos do capital. Isso leva inequivocamente à desvalorização do papel do Estado na regulamentação entre capital e trabalho e recai obviamente sobre o servidor público o ataque dos representantes do capital para que os direitos da população possibilitados pelos serviços públicos sejam convertidos em mercadorias vendáveis no mercado. O que querem os liberais é perda de legitimidade do serviço público, inviabilizando-o e impossibilitando a implementação de ações coletivas que atendam com qualidade à população com vistas à privatização do que é público.

Do ponto de vista linguístico, a metáfora guediana confirma a orientação dos estudos cognitivos, que asseveram que as palavras não contêm significados, mas orientam a construção de sentido. Foi possível observar neste artigo que os efeitos de sentido não estão na materialidade do enunciado, como algo pronto, mas são produzidos – conforme foi por assim dizer exposto na breve passagem por dois modelos teóricos (AD francesa e linguística cognitiva) – na relação entre o linguístico (manifestação da linguagem), o extralinguístico (contexto sócio-histórico-cultural) e o cognitivo (percepção).

Referências

ABREU, Antônio Suárez. *Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada*. Cotia: Ateliê Editorial, 2010. 119 p.

BARBOSA, Marina. “Parasita”, de Guedes, provoca reação em massa de políticos e servidores. *Correio Braziliense*, Brasília, 8 fev. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/08/interna_politica_826667/parasita-de-guedes-provoca-reacao-em-massa-de-politicos-e-servid.shtml>. Acesso em: 9 fev. 2020.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. 190 p.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011. 171 p.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2009.

FREITAS, Jânio de. Banana de Bolsonaro a jornalistas é síntese e símbolo da concepção que a gorilagem faz. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 fev. 2020. Colunas e blogs. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodefraitas/2020/02/banana-de-bolsonaro-a-jornalistas-e-sintese-e-simbolo-da-concepcao-que-a-gorilagem-faz.shtml>>. Acessado em: 20 maio 2020.

FROSINI, Fabio. Espaço e poder à luz da teoria de hegemonia. In DEL ROIO, Marcos (org.) *Gramsci: periferia e subalternidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

GIBSON, J. J. *The perception of the visual world*. Boston: Houghton M. Company, 1950.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. vol. 3. 5 ed., ed. e trad. de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. vol. 1. 5 ed., ed. e trad. de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa [DEHLP]*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KLINKENBERG, J.-M. La plasticité des catégories (1. Les catégories iconiques). In: COSTANTINI, M. (Dir.). *La sémiotique visuelle: nouveaux paradigmes*. Paris: L'Harmattan, 2010. p. 189-204.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. Salário, preço e lucro. O rendimento e suas fontes. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007

MESZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.

PAIS, Cidmar Teodoro. Semântica cognitiva, noêmica, semântica lexical e semiótica das culturas. In: PINO, Dino del (org). *Semiótica: olhares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 9-31.

PECHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HACK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1990a. p. 61-151.

PECHEUX, Michel. *O discurso: estrutura acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990b.

PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pucinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SCHIFFMAN, Harvey Richard. *Sensação e percepção*. Tradução de Luís Antônio Fajardo Pontes e Stella Machado. 5.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

SILVA, Fernando Moreno da. Uma proposta para o estudo da percepção: em torno da semiótica cognitiva. *Alfa*, v. 59, n. 3, p. 471-500, 2015.

SOARES, Ingrid. "Comunavírus": em blog pessoal, Araújo fala em plano comunista mundial. *Correio Braziliense*, 22 abr 2020. Disponível em: < https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/22/interna_politica,847129/comunavirus-em-blog-pessoal-araujo-fala-em-plano-comunista-mundial.shtml>. Acesso em: 23 abr 2020.

TORERO, José Roberto. Diário de Bolso. *Carta Maior*, 27 abr 2020. Disponível em: < <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Humor/Diario-do-Bolso-24-de-abril-de-2020/9/47326>>. Acesso em: 29 abr 2020.

TRUONG, Nicolas. Edgar Morin. Tradução de Aluisio Schumacher. *Carta Maior*, 23 abr 2020. Disponível em: < <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Sociedade-e-Cultura/Edgar-Morin-Essa-criese-nos-leve-a-questionar-nosso-modo-de-vida-nossas-reais-necessidades-mascaradas-nas-alienacoes-da-vida-cotidiana-/52/47272>>. Acesso em: 29 abr 2020.

“THE PUBLIC SERVANT BECAME A PARASITE”: ANALYZING THE SPEECH OF MINISTER PAULO GUEDES ABOUT THE PUBLIC SERVANT

ABSTRACT

Recently, the Minister of Economy, Paulo Guedes, defending administrative reform, criticized the public servant, comparing public servant with parasite. This metaphor caused revolt. Why does a word produce different effects of meaning? To answer this question, analyzing the speech of Minister Paulo Guedes, this paper aims to understand how the meanings are produced. Through the dialectical method of analysis, the discussion was based on Discourse Analysis and on cognitive studies. The analysis concluded that the effects of meaning are produced in the relationship between the linguistic (manifestation of language), the extralinguistic (socio-historical-cultural context) and the cognitive (perception).

Keywords: discourse analysis, cognitive linguistics, meaning, Paulo Guedes.

Recebido em 12/10/2021.
Aprovado em 01/02/2022.